

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.056

Segunda feira, 1 de Maio de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL

Moderador telegráfico: Talhadas — Lisboa — Telefone 5339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Trabalhadores de Portugal!

Conforme a resolução tomada na primeira sessão das três internacionais — a de Amsterdam, a de Viena e a Internacional Comunista — as quetes do dia de hoje devem ser destinadas para os nossos irmãos que morrem de fome lá longe, na Rússia que quebrou as algemas czaristas. Lembrai-vos das crianças! Que este 1.º de Maio seja para os famintos como que o despertar duma nova aurora!

O NOSSO 1.º DE MAIO

Liberdade, Progresso, Emancipação

Para uma grande parte do operariado, a consagração do 1.º de Maio não passa de uma simples festa do Trabalho; para outra, embora se diga mais revolucionária, essa data é a comemoração dos sangrentos acontecimentos desenrolados há 35 anos nas terras democráticas no império yankee. Para nós, porém, esta luto e a revolucionária solenização não se restringe às lutas operárias, desferidas na América do Norte, pela conquista das 8 horas e às oito vítimas que sofreram a inquisitorial tirania duma burguesia nefasta. A nossa sentida evocação vai mais longe: vai aos domínios da Arte, eleva-se às alturas da ciência, para depois descer às catacumbas onde se espalham as cinzas de tantos heróis obreiros que trabalharam na destruição da Mentira, do Preconceito, do Dogma, das arcaicas e monstruosas sociedades a oprimirem e a explorarem as desgraçadas turbas dos plebeus, dos escravos, dos ilotas, dos sudras.

O que a burguesia americana tentou atacar, pulverizar, fazer desaparecer, não foi as lutas trabalhadoras, nem os oito corpos que expiaram na força e na prisão; o que ela julgou, na sua pátetica secular, foi aniquilar, para sempre, o velho Pensamento Humano, que é anárquico e não se pode meter na hota, como uma forma, numa gaiola, como um pássaro.

Quem eram Jorge Engel, Augusto Spies, Adolfo Fischer e Alberto Parsons, enforcados em 11 de Novembro de 1887, Luis Lingg, que se suicidou, e Miguel Schwab, Oscar Neebe e Samuel Fielden? Anarquistas americanos de há 35 anos? Não, anarquistas universais de todos os tempos. Nós, conforme o entender de alguns filósofos, que somos o espírito de outros corpos que a Terra já consumiu, vimos, na antiguidade, com o nome de Zarathustra, a darem aos persas as suas lições de moral, revolucionando os ritualismos anteriores, vimos os baptizados do Confúcio, a preocuparem-se de economia social, materialistas entre um povo que apenas conhecia as vantagens imediatas e o conforto material, e comunistas entre os homens cuja força derivava da associação; vimos, de túnica vermelha e de azoragane na mão, a espancarem os vendilhões do templo, que lhe adulteravam as santas doutrinas de Amor, de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, seladas com o seu sangue no madeiro erguido no monte de Golgota, vimos os feitos S. Bazilio, S. Clemente, S. Jerónimo e S. Lactancio a pregarem contra os ricos e a sua riqueza, porque em boa justiça, tudo deveria pertencer a todos; foi a iniquidade que fez a propriedade privada.

Quando foram Spartacus, sublevaram os escravos; quando foram Grachos, defenderam o povo e agitaram a questão agrária, em plenas bochechas dos grandes senhores; quando foram Lúcio Bruto, expulsaram os tarquínios; e quando foram Marco Bruto, apunhalaram César. Um dia presenciámos os fanáticos a desenterrarem os seus ossos por terem sido Wicief, precursor da reforma religiosa, e outra oca-

A TERRA É PARA

QUEM TRABALHA



CEIFA, FOICE LIBERTADORA!

Foice libertadora, 2 porque esperas?
Vem ceifar as misérias deste mundo,
Onde os homens lutando como feras
Transformam as risonhas primaveras
Num inverno sem sol, gelado e imundo.

Por escravos forjada, em rígido aço,
Tua lâmina forte e refulgente
Desafiar, parece, o vasto espaço
Que guarda com usura em seu regaço
O astro majestoso, o Sol potente.

Empunha-te a mão firme, a mão calosa,
Do trabalhador rude e decidido,
Guiada és p'la Ciência desejosa
De erguer para uma vida harmoniosa
O pobre ser humano envelhecido.

Ceifa, ceifa os ruins, vãos preconceitos,
Que a vida tornam negra, crueante,
Eles trazem os homens mui sujeitos,
Jungidos aos varais duros e estreitos
Da torpe oligarquia dominante.

E preciso ceifar para que a vitória
Seja digna da livre humanidade,
Embora faças sangue, t'rás a glória,
Como jámais igual houve na história,
De abrires o caminho à Liberdade.

Como a tua irmã que ceifa os trigos,
Sem hesitar prossegue com afan,
E se os páis hoje são feros inimigos,
Ceifa, para que possam, como amigos,
Abraçarem-se os filhos amanhã.

sião olhámo-los, indignados, a arremessarem ao chão as suas vestes de frade e a proclamarem as multidões atônitas os seus princípios sobre o livre exame. Crismados de Lutero, assustam Leão X e mais as suas hostes criminosas e devassas que vendiam o céu a retalho e por junto, consoante o preço e a quantidade de bulas que o devoto cliente armazenasse e pagasse.

Mas esses anarquistas, à medida que vão palminhando no incommensurável túnel da treva humana, sentem na retina do seu olhar prescruador uns laivos de claridade a iluminar-lhes a consciência e a desenvolver-lhes a inteligência. Eternos, a despeito de mil vezes serem atirados às bestas ferozes dos anfiteatros para diversão do povo ignaro, para o fundo das ruínas e dos cárceres, para o interior das fogueiras do Santo Ofício, eles aparecem-nos um dia a afirmarmos, convictamente: para além da morte, nada mais existe; nós cremos na unidade da substância e garantimos que o universo é infinito, sendo estúpido o erro geocêntrico e o erro antropocêntrico; Deus é para o filósofo um sinónimo da Natureza e dizemo-vos que a matéria é eterna, e que a morte é a recondução da personalidade ao nada de onde saiu; não, nós os inventores da lei da gravidade, do compasso da proporção, da composição do telescópio, não admitimos a frase latina: terra in eternum stit — confirmamos a teoria de Copérnico, desenvolvemos a medo: o Sol é o centro do Universo, gravitando em torno dele Mercúrio, Venus, Marte, Júpiter e a Terra. E pur si muove...

Esse arrójo do pensamento humano, em cujas azas naves ia voando a liberdade de consciência em demanda da Anarquia científica, que nos conduziria à Anarquia política e social, fez que nós os vissemos, na praça Maubert, a pagarem no patíbulo e na fogueira a sua onsdadia de se chamarem Etienne Dolet, tipógrafo que deu grande impulso à arte tipográfica; que os vissemos a ser queimados por ordem da inquisição, noutro ponto, em 17 de Fevereiro de 1600, por ter querido ser Giordano Bruno; que os tornássemos a ver, mais adiante, em 9 de Fevereiro de 1619, a serem, em vida, devorados pelas labaredas da fornalha inquisitorial, ateadas em Toulouse, para que Lucilio Vanini jámais ousasse fazer afirmações inconvenientes e de ateísmo relapso; que, mais tarde ainda, novamente o destino nos reservasse para assistirmos ao comovente e flagrante espectáculo de os vermos a contorcere-se nos bestiais suplicios da corda, do cavalete e do borzeguim de ferro, que os levaram a abjurar das suas afirmações que logo foram reforçadas com as mais enérgicas reafirmações... Ninguém os mandou ser Galileu.

¿Tudo isto porque? Por causa do cecí tuera cela — isto matará aquilo. Se não tivessem sido Gutenberg, se não inventassem a imprensa, as ideias, os pensamentos, a arte e a ciência não tomariam tamanho vulto, e os dogmas teriam hoje mais força. Mas a alavanca do progresso, embora a maior parte dela esteja nas mãos avaras dos potentados, trouxe ao campo da evolução científica, filosófica, religiosa, política e social um avanço arripador no progresso das ideias de libertação humana. E por isso que depois vemos os nossos anarquistas do passado vestidos à Lamenais, a ensinar-nos a se numa colmeia algumas abelhas avaras dissessem!

O 1.º DE MAIO

Reflexões necessárias

No martirólogo operário passa hoje mais uma vez a data do 1.º de Maio. O mundo tem continuado a girar e com ele tem girado também as vicissitudes que atormentam a humanidade, sofrendora tenaz da sua sorte, e em que a massa que produz, prossegue na vida de luta, arrostando a ignomínia da sua escravidão económica, porque o seu esforço, que tem sido muito, não tem valido bastante para a sua emancipação que aparentemente se denuncia próxima, mas que a miserável realidade dos factos nos diz vir distante ainda.

A coorte burguesa, bem cimentada na indiferença dos que são um valor indiscutível na engenhagem social, amassada com a submissão dos menos conscientes e fortalecida com o ilusório comodismo da maioria indifferente, tripudia sorrindo e tiranisa à vontade, porque bem sabe, porque bem sente que nos arraiais inimigos os espíritos divergem, as opiniões se fracionam, destruindo toda a unidade revolucionária, absolutamente indispensável para a batalha final em que todas as armas serão poucas, em que todas as vontades parecerão débeis, para tomar de assalto a fortaleza do bem comum, para cuja conquista se tem dado o sacrifício de tanta vida preciosa.

No campo da nossa ideologia as correntes doutrinais geraram nuances, architectaram modalidades, e a dispersão tem sido de tal ordem e os critérios tem-se oposto uns aos outros tam fortemente, que combatentes do mesmo ideal se olham desconfiados como se inimigos fossem, e melhor agredem os que a seu lado formam na luta contra a desigualdade social, do que o senhor que os oprime, o único a aproveitar com essa disseminação de ideias, o único a colher vantagens no tumultuar dessas desavenças!

E a indisciplina que nós outros, os avançados, apontamos com gáudio nos meios capitalistas, e que tanto tem servido para a consistência da nossa propaganda, começamos a vê-la também entre nós, com os mesmos sintomas de dissolução permanente, com os mesmos aspectos de descredito, que, dir-se-ia que a podridão que roia a estultia moral capitalista, a havia já contaminado também, tam grande é o seu poder de inoculação que nada resiste à sua acção deletéria! Não se deve deixar de dizer as grandes verdades só porque elas se abrem em nosso desabono.

Estamos a enfermar dos mesmos males e pessimamente andaremos senão nos escaparmos a tempo, saneando as nossas almas com a indestrutibilidade das nossas convicções, senão arredarmos desde já, o perigo desse contacto virulento, com a harmonia perfeita entre as palavras que dizem e os actos que praticamos.

E a nossa atitude é tanto mais grave, quanto é certo que descobrimos o jôgo, ao mesmo tempo que oferecemos inabillmente o flanco, onde os nossos antagonistas cravarão desdenhosos e seguros os seus golpes, apontados com vagar e cujo corte incisivo não estremece ao aperecer-se da nossa fraqueza.

todo o mel que aqui está é nosso; e se posszemos a dispor a seu arbitrio dos frutos do trabalho das demais, é que seria das outras abelhas? A terra é como uma grande colmeia e os homens são as abelhas. Cada abelha tem direito à porção de mel preciso à sua subsistência, e se entre os homens há a quem falte o necessário, quer isto dizer que outros têm de supérfluo. E então a justiça e a caridade não desaparecem da terra. E passando por Voltaire, por Rabelais, por Moore, Diderot e Condorcet, fazem-se Proudhon, Bakounine, Krapotkin, Malatesta, Cafiero, Luis Galeani, Plinio Nomellini e Neno Vasco. Ora renunciam aos seus privilégios burgueses, ora são exilados; ora são julgados, metidos numa jaula, como se fossem terríveis feras, ao tribunal de Génova; ora condenados à morte, e a um tempo, em França, na Alemanha e na Rússia...

Até que vão ter, de escantilhão, à América, dizer que os trabalhadores são obrigados «a moirar eternamente, cultivando a terra dos outros, movendo as máquinas dos outros, descendo ao fundo das minas dos outros»; afirmar que a «anarquia não é como o socialismo autoritário» — a humanidade que afoga o indivíduo, como a desordem burguesa — o homem que esmaga a humanidade; mas resume o ideal dum espontâneo acordo das vontades e das soberanias individuais no disfruto do bem estar criado pelo trabalho de todos sem exploração, eis aqui a idealidade económica sem coacção, eis aqui a idealidade política do verdadeiro socialismo. E porque adoptarmos estes princípios defendidos já por outros seus irmãos, apressaram-se a organizar associações, trabalhadoras, a propagarem a redução de horas de trabalho, a difundirem os ideais de emancipação pelo seu muito amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade. A frase terra in eternum stitit mais uma vez é contestada; ontem no campo astronómico

Lá longe, morre-se de fome!

Os propagandistas operários que hão de usar da palavra nos comícios e outras reuniões proletárias, que hoje se realizam através do país, não devem deixar de recordar aos seus ouvintes um acontecimento tremendo: a tragédia que decorre numa das mais populosas regiões da Rússia, tragédia provocada por uma grande estiagem e em consequência do que tem baqueado pela fome muitos milhares de irmãos nossos.

Tendo sido escolhida a data que passa pelo proletariado internacional, para afirmar as suas aspirações a uma vida em que a Fraternidade não seja apenas uma palavra, que os homens que lutam pelos grandes ideais não esqueçam que precisamente no momento em que dirigem a sua propaganda às multidões laboriosas estarão caindo, mordidas pela fome, lá longe, criaturas humanas aos milhares.

Mas não basta recordar esse facto horrível. É mister que simultaneamente todas as pessoas que sinceramente sentem as angústias por que passam aqueles irmãos nossos, não lhes enviem apenas palavras, mas alguma coisa mais: recursos que, junto aos que chegam de outros países, atenuem os horrores da fome dos que vivem ainda e que são milhões.

Procedendo deste modo ficaremos bem com a nossa consciência e mostraremos com o exemplo que enquanto quasi toda a gente burguesa só se ocupa da tragédia que ocorre na Rússia para arrifar, velhacamente, pedradas ao governo dos soviets, que responsabilidade alguma tem na catástrofe, há nestes pais um grupo de homens que, num amplexo de solidariedade que galga as fronteiras com a agili-dade com que se desloca o pensamento humano, estende os braços amigos aos que sofrem as torturas mais incomportáveis.

Alexandre VIEIRA

O soldado, que num dado momento desfecha a espingarda contra os seus superiores, é um assassino, é um criminoso; porém, se no campo da batalha matar cem, mil ou mais homens, deixa de ser assassino para ser herói.

Fábulas e Parabolas

Com o furor e a habilidade que os caracterizam, entregavam-se dois selvagens a uma espécie de jôgo de dados, um pouco diferente do nosso.

Via-os jogar um europeu, que aplaudia calorosamente sempre que um deles fazia bons pontos: Bravo, Sol Brilhante! — Muito bem, Serpente Negra! (Sinais representados pela tatuagem que cobria o corpo dos selvagens).

Apenas o mais hábil ganhou a partida, disse ao europeu que tanto o animara com seus aplausos e ovacões: — Cara pádua sou eu quem terá o prazer de te comer...

Quando o povo aplaude os discursos que os políticos profissionais declamam no parlamento ou na praça pública, representa o papel do europeu, em quanto era jogado pelos canibais.

Sem os utopistas de outrora, viveriam os homens ainda miseráveis e nus nas cavernas. Os utopistas é que traçaram as linhas da primeira cidade. É digno de lástima o partido político que não tem os seus utopistas. Dos sonhos generosos saem as realidades benéficas. A «utopia» é o principio de todo o progresso e o esboço dum futuro melhor.

Anatole FRANCE

O que é a vida?

A vida é o mal. A expressão última da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se numa batalha inexorável de apetites, num tumulto desordenado de egoísmos, que se entrecroçam, rasgam, dilaceram.

O progresso marca a distância que vai do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte quilómetros. A fera a dez passos perturba-nos. O homem é a fera dilatada.

Nunca os abismos das ondas pariam monstro equivalente ao navio da guerra, com as escamas de aço, os intestinos de bronze, e olhar de relâmpago, e as bocas hienas, pavoresas, rugindo metralha, mastigando labaredas, vomitando morte.

A pata pre-histórica do atlântico esmagava o rochedo. As dinâmides do químico estoiram montanhas, como nozes.

Se a presa do mastodonte escavava um cedro, o canhão Krupp rebenta barricas e trincheiras.

Uma vibora envenena um homem, mas um homem, sozinho, arrasa uma capital.

Os grandes monstros não chegam verdadeiramente na época secundária; aparecem na última, como o homem. Ao pé de um Napoleão, um megalosauro é uma formiga.

Os lobos da velha Europa trucidam algumas dúzias de viandantes, enquanto milhões e milhões de miseráveis caem de fome e de abandono, sacrificados à soberba dos príncipes, à mentira dos cortesãos e à gula devoradora da burguesia cristã e democrática.

O matadouro é a fórmula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para rezar, outros para verdugos.

Uns jantam, outros são jantados.

Há criaturas lobregas, vestidas de trapos, minando montes, e criaturas esplendidas, cobertas de ouro e veludo, radiante ao sol. No cofre do banqueiro dormem pobres metalizadas. Há homens que ceiam numa noite um bairro fúnebre de mendigos. Enfeitam gargantas de cortesãos rosários de esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e lutosos que rosários de crânios ao peito de selvagens.

Vivem quadrúpedes em estrebarras de mármore, e agonizam párias em alfarras infectas, roídos de vermes.

A latrina de Vauderbilt custou aldeias de miseráveis. E visto os palácios devorarem a vida, todo o boulevard grandioso recia um quartel, um cárcere e uma força.

O Deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinela. Os homens repartem o globo como os abutres o carneiro.

Maior abutre, maior quinhão.

Homens que tem impérios e homens que não tem lar.

Os pés mininos das princesas deslizam luzentes de ouro por alfombras, e os pés vagabundos calcam, sangrando, rochedos hirtos e matagais.

Bebem champagne alguns cavalos de sport, usam anéis de brilhantes alguns cães de regaço, e algumas criaturas, por falta de uma côde, acendem fogueiras para morrer. Bemdiço o óxido de carbono que exalta paz e esquecimento! É a natureza física insensível ao drama e ao barba do homem. Guerras, ódios, crimes, tiranias, hecatombes, desastres, inquietudes deixam-na indifferente e inconsciente, como o rochedo imóvel, bulindo-lhe a asa de uma vespa. O clamor atroador de todas as angústias não arranca um al de inmensidade inexorável.

A aurora sorri como o mesmo esplendor dos campos da batalha ou berço infantil, e as ervas gulosas não distinguem a podridão locusta da podridão de Joana de Arc. Reguem vergéis com o sangue de Iscariote ou com o sangue de Cristo, e os lírios inocentes (estranha inocência!) desabrocham, igualmente cândidos e nevados.

Guerra JUNQUEIRO.

Progresso e Liberdade! A criança aspira logo a transpor os montes e os mares que cercam a sua aconchada habitação; e imediatamente assim como a planta se enroscas, assim ela vira de opinião e começa a suspirar pela volta. Nessa dupla aspiração para o que deseja e para o que perdeu está tudo o que o homem tem de comovedor e de belo: é ela que o preserva de se afogar dum modo exclusivo ao momento presente. E é por esta forma que enraizada nas profundezas da natureza humana, governada ao mesmo tempo pelos seus mais sublimes instintos, esta benéfica e fraternal união da espécie humana vem a ser uma das grandes ideias que presidem à história. A nossa humanidade ainda não chegou à idade da razão, por isso que ainda não sabe governar a si própria, nem pode sair da céncha dos instintos grosseiros do animal, e porque os povos mais adiantados são ainda essencialmente militares, isto é, escravos, mas está destinada a ser um dia instruída, esclarecida, intelectual, livre e grande à luz do céu. Ao lado dela, sobre as ilhas flutuantes que nos acompanham no espaço, e no seio das profundezas inacessíveis do infinito, as outras terras suas irmãs também encerram humanidades vivas, que se elevam ao mesmo passo que ela no progresso indefinido, que marcham para uma perfeição que brilha acima de todos os destinos como a estrela no fundo dos céus.

Camilo FLAMARION.

A República é o voto. O voto é a mentira. Logo a República é a mentira.

Rui Barbosa.

As minhas proezas

Povo: Conheces-me? Sabes quem sou?

Não? Eu te conto, escuta: Nasci muito débil, raquítico mesmo. Por alguns anos vivi ignorado do mundo, mas logo que comeci minha vida pública, principiei a ser desdenhado, caluniado, perseguido em raros vezes estive preso. E sabes porque? Porque amava a justiça. Eu pregava contra os déspotas, contra a opressão e a tirania; proclamava a igualdade de todos os homens, fui pelo traco contra o forte e ensinei que o servo era igual ao senhor. Tudo isto, porém, me valen de perseguições terríveis e, coisa singular, não sumi: as coisas estavam dispostas de outra maneira.

No ano trezentos e poucos — estes poucos não me lembro bem quantos eram — da minha idade, depois de ter sofrido, como acabo de dizer, toda a classe de vexames e perseguições de piedoso homem — Constantino — compadeceu-se de mim e, na sua casa, deu-me agasalho.

Antes não m'o tivesse dado, porque assim — é verdade — eu teria morrido aos mãos dos meus perseguidores mas ao menos não houvera causado tantos males como à humanidade causei.

Dali em diante, isto é, depois dos benefícios que do meu bemfeitor recebi, de humilde, tornei-me orgulhoso, de oprimido, opressor, de perseguido que era, por minha vez comeci a perseguir e, emfim, de extremamente pobre, fiz-me imensamente rico. Não precisava mais nada.

Entretanto, os anos de orriam. Eu fui-me engrandecendo pouco a pouco até que me achei árbitro do mundo, graças a um feliz curso de circunstâncias. Depois? Ah! depois, eu era grande: o maior entre os maiores; ninguém me resistia.

Eu realizei alianças, conquistei reinos, avassalei impérios; destronei reis, rainhas e imperatrizes; fulminei anátemas, excomunguei interditos; levantei exércitos e lancei impostos, com cujo produto armei esquadras para destruir os tarcos na batalha de Lepanto.

Eu dava ordens aos reis, lutava com os imperadores; recebia tributos de todos os povos da terra; sugestionei a Carlos Magno o extermínio dos lombardos, saxões e outros povos, depois paguei as santas cruzadas, que causaram a morte a centenas de milhares de homens, mulheres, velhos e crianças, e na mesquita de Jerusalem minhas negras legiões deram a morte a setenta mil mulumanos. Eu persequi os maniqueus, dos quais exterminei cem mil; os abigêneses, de que matei trinta mil; os judeus, de que, depois de apoderar-me das suas riquezas, as quais tanto aguçavam minha cubia, assassinei muitos milhares. Eu concebi a monarquia Universal ou Teocrática, para cujo fim me servi de todos os maneios próprios da minha hipocrisia tais como ameaças, interditos, excomunhões e anátemas.

Como a onnipotência de Deus e a força de Satanaz, eu fundei a inquisição, de pavorosa memória; eu persequi, prendi e supliciei muitos milhares de homens, e entre eles contam-se: Hipátias, Galileu, Campanella, Vanini, Savonarola, Etienne Dolet, António José, João Huss, Jerónimo de Praga, Damião de Côes, Giordano Bruno, Joanna d'Arc e Cristovam Colombo.

Eu persequi os palatinos, cataros e paulicianos e outras seitas; prendi e supliciei Abelar e Arnaldo de Brescia; amaldiçoei muitos herejes como Lutero, Calvino e Zuinglio.

Para arranjar dinheiro, minha preocupação constante, recorre a todos os meios: inventei purgatório, cou, inferno; fui simoníaco; vendi indulgências, cruzes e imagens; a preço fixo, perdoei os crimes mais monstruosos, isto é, infanticídios, parricídios, assassinatos, adulterios, incestos, estupros e evenculamentos.

Eu estabeleci o Santo Officio em Hespanha, Itália, França, Portugal, Alemanha, Inglaterra e outros países, cuja única missão era perseguir, prender, encarcerar, enforcar, queimar e assassinar de todos os modos e por todos os meios, e tudo isto, para apossar-me dos despojos das vítimas e satisfazer a minha sede de ouro.

Eu pratiquei toda a classe de iniquidades. Além de perjuro, sodomita, infanticida e simoníaco, vendi a justiça, aluguei a imprensa; prodigalicei venenos, assalari punhas, forçei intrigas, semei discórdias, ateí incêndios; deramei torrentes de sangue, promovi a guerra dos hussitas, inspirei as vespéras sicilianas, aticei oito guerras entre católicos e protestantes, após o que, envolvi a Europa numo sangrenta guerra que durou trinta anos (1618-1648), e da qual correram rios de sangue, e não satisfeito, premeditei e levei a cabo a espantosa matança da noite de St. Bartolomeu, em Paris, na qual perderam a vida mais de cem mil huguenotes (1572).

Finalmente eu aboccei Carlos Magno, Carlos IX, Filipe II, Luís XI, Simão de Montfort, Tomás de Torquemada, Pedro de Arbus, Inácio de Loyola, Domingos de Gusmão e a corja de ladrões, assassinos, inquisidores, reis, rainhas e proselitistas.

Mas, para finalizar, mudei muitas vezes de nome, sendo os mais notáveis: Gregório VII, Inocência III, Gregório IX, Pio V, Alexandre VI, Sixto IV, João XXII, Pio IX e... basta.

E agora, povo, conheces-me? Sabes quem sou? Sou o catolicismo, a Igreja, o representante de Deus na terra, o Papa...

J. MARTINS

O exército não é se não um conjunto de assassinos disciplinados. Sua instrução é a escola do assassinato e suas vitórias são massacres. — Tolstoi.

Se o operário se deixasse arrastar à crença nesse Deus que ouve falar em torno de si, sem lhe prestar atenção alguma, começaria por lhe examinar a justiça, que só de trabalho e mil-séria o abastecer-se sentiria por ela horror e ódio e imaginaria a sua forma e a espécie dum burguês explorador, como os escravos pretos das colónias, que diziam ser Deus branco a semelhança dos seus senhores. — Paulo La-fargue.

O 1.º de Maio e o Sindicalismo

Recordas-te, sem dúvida, meu bom amigo, da conversa que uma noite tivemos e em que acidentalmente se falou no 1.º de Maio e o sindicalismo, apontando-te eu, com entusiasmo, e certo, mas sem pretensões, antes com uma grande singelza, a relação existente entre um e o outro.

A noite já lá alta, e teimar no assunto seria forçar-te a uma maior perda de descanso, que tam necessário é aos nossos fatigados corpos de trabalhadores. Trocámos sobre a questão algumas palavras, simples impressões, mas o bastante para mutuamente compreendermos que opostos eram os nossos pontos de vista.

Vês ainda o 1.º de Maio através dos

cortejs, dos carros alegóricos, dos andores, das pedinchas ao parlamento e tantas outras tristes exhibiçoes, e podes-te repugna, desejando vê-lo apertado dumavez; esqueces que foi bem diversa a sua primitiva orientação, esqueces ou ignoras que surgiu do seio da organização operária, que é hoje como que a mais pura consagração da greve geral, da acção directa, do sindicalismo.

Como tu, como nós, na situação de divergência em que nos encontramos, certamente se encontram muitos amigos nossos, muitos camaradas de ideias e de luta, muitos companheiros de trabalho e de miséria, e porisso não será inútil, tratar o assunto com um pouco

AOS COMÍCIOS E AS SESSÕES

Nenhum operário das cidades, das vilas e dos campos deve faltar aos comícios e às sessões, onde quer que se efectuem.

Afirmemos os nossos princípios de Liberdade, de Emancipação e de Justiça!

A revolução Palavras oportunas

A revolução tem um inimigo implacável: a sociedade velha; assim como o cirurgião tem o seu: a gangrena.

A revolução estirpa tudo o que é tirania e todo o que for tirano.

A operação é espantosa, porém a revolução efectua-se lá apesar de tudo.

Quanto à efusão de sangue que haverá, pedi a Boerhave o seu parecer.

Que tomor se cortará sem perda de sangue?

Que fogo se poderá extinguir sem que as chamas devorem uma parte do incendiado?

Estas necessidades terríveis são condições precisas para o bom éxito.

Um cirurgião tem alguma parentela com um carneiro, o que pode oferecer as aparências de um verdugo.

A revolução consagrará a sua obra fatal.

Mutila, porém salva.

E haverá alguém que peça perdão para o que é necessário?

Haverá quem seja clemente com o que é venenoso?

A revolução não os atenderá: apoderar-se há do passado e do futuro.

Faz a civilização uma incisão profunda do corpo brotará a saúde do género humano.

Sofreis? Sem dúvida; porém, quanto tempo durará o sofrimento?

O tempo que durar a operação.

Depois viver-se há.

A revolução amputa a sociedade originando a hemorragia que se chama a Felicidade Humana.

Vitor HUGO

Os males da guerra são tam evidentes e os efeitos desastrosos de tanta nitidez, que fora dos hospícios acumulação desordenada de armamentos inúteis se fazem sentir com de alienados e dos quartéis do rei da Prússia não se encontra mais ninguém que para perceber esses flagelos precise ser vergastado com a dacha estimulante do ideal.

A. Amaral.

Não pode haver Estado sem ignorância. Uma coisa implica a outra, ambas se completam.

Bento Faria.

As revoluções seriam menos numerosas se os povos soubessem conservar a liberdade como a sabem conquistar.

Ruiz Bastos.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.


Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

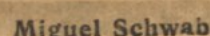
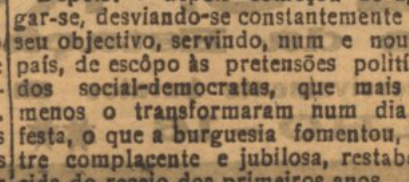
Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.

Que criminoso pode igualar-se a uma sociedade onde é possível que o que pede trabalho não o acha, que o que solicita apoio não o encontra, que o que quer viver não pode viver? — Joaquim Dantas.



guel Schwab



Capital autorizado
Esc. 100.000.000\$00

Capital realizado
Esc. 10.000.000\$00

Sucursais em S. Vicente de Cabo Verde,
Loanda, Benguela, Lourenço Marques,
Inhambane, Moçambique, etc.

Correspondentes no Porto:

Pinto & Sotto Mayor

Correspondentes no Brasil:

**Banco Português
do Brasil**



Banco Colonial Português

Telegramas: PROCOLÓNIA

TEL FONES

Direcção: 5220 C.
Gerência: 5221 C.
Expediente: 5470 C.

Sede:

**RUA AUREA, 175 a 191
LISBOA**

Correspondentes

em tôdas as localidades do Continente,
ilhas e em tôdas as praças estrangeiras

Efectua tôdas as operações bancárias: descontos,
transferências, depósitos à ordem e a prazo em moeda
nacional e estrangeira, contas correntes, compra e ven-
da de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pa-
gamento por ordem telegráfica e por correspondência,
cartas de crédito, ordens de bolsa no País e no Estran-
geiro, compra e cobrança de coupons, empréstimos
caucionados, transacções sobre mercadorias, etc., etc.

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO

Representantes em Portugal do

BANCO PORTUGUEZ DO BRASIL
LISBOA PORTO

R. do Ouro, 18 a 24 28, Praça da Liberdade, 29
RUA DO COMERCIO, 136 A 140

PERAL, L.

(Ex-empregado da CASA PINHEIRO)

Tecidos de lã, seda e algodão

Grande sortido em tôdas as qualidades e a preços sem competência

Novidades para estação de verão

ENVIAM-SE AMOSTRAS E ENCOMENDAS PARA TODO O PAÍS

80, 1.º, RUA DA PRATA, 82 a 86 — Telefone 77 C.

FABRICA DE

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON

& C.ª

Trav. do Corpo Santo, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

O BRIC A' BRAC DE ALCANTARA

DE: —
JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO
37, Rua de Alcantara, 37. Sucursal: III, Rua do Livramento, 113
LISBOA
COMPRA, VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS
e diferentes objectos
Palha de milho, K.º \$45 ctvs., fina, K.º \$75 ctvs., canteio, K.º \$350
5 oio de desconto aos assinantes de A BATALHA

CALÇADO

de todas as qualidades e modelos

Nenhuma casa vende mais barato, pois
enquanto outras casas sobrecarregam os
seus artigos com 40 % e 50 %, esta só tira
um lucro de 20 %, e além disso ainda faz os
seguintes descontos:

Em benefício do comprador sindicalista	5 %
de A BATALHA	3 %
das Cooperativas	3 %
do comprador socio da mesma coope-	5 %
rativa	3 %
em benefício das As. de Socorro Mútuo	3 %
do comprador socio destas colectivi-	5 %
dades	3 %
em benefício da Sociedade A Voz do Operário	5 %
do comprador socio desta sociedade	5 %

N. B. — Quando qualquer destas colectividades se responsabili-
ze pelo pagamento, damos crédito a seis meses, sendo invertidas as
percentagens acima mencionadas; o direito refere-se só ao calçado,
por enquanto. Exceptuam-se destes descontos os tabacos nacionais,
fósforos, jornais e ilustrações.

Na Havanza do Sacramento, rua do Sacramento, 19-21, a
Alcantara, além do calçado encontram-se artigos de retrozaria, pa-
pelaria, meias, gravatas, perfumarias, livros, etc., e na Tabacaria
Condes, Avenida da Liberdade, 6, assim como na Havanza do
Carmo, Calçada do Carmo, 43, encontrareis todos esses artigos, a
excepção do calçado, nas condições propostas.

Peçam sempre senhas

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: Escudos 9.000:000\$00

Serviços regulares entre a metrópole e as colónias africanas

FRUTA DA COMPANHIA:

Moçambique, Africa, Mossamedes, Beira, Portugal, Dondo, Malange, Loanda, Zai-
re, Peninsular, Ibo e Extremadura, Chinde, Luabo, Manica, Bolama, Ambriz.

Para carga e passageiros

EM LISBOA: Escritório da Companhia
Rua do Comércio

NO PORTO: Sucursal da Companhia
Rua Nova da Alfândega, 76, 1.º

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos
e mechas em cores lindíssimas,
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativ
A SOCIAL



ESPECIALIDADE
EM CHAPEUS
DE SEDA
E
FLANÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

AOS AGRICULTORES

EPOCA AGRICOLA DE 1922

SEGUROS DE SEARAS

Aconselhamos todos os lavradores e agricultores a não efectuarem os
seus seguros, sem consultarem A MUNDIAL, em vista das garantias e
vantagens que só elle oferece. Dirigir-se a



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500:000\$00

RESERVAS: 749:051\$60,9

SEDE EM LISBOA

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084

DELEGAÇÃO NO PORTO

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Calçado

Procurem como quiserem: na

Sapataria do Calhariz

vende-se tudo isso muito mais barato.

Há alguém que vende botas de superior calf preto ou de cor, a	20\$00?
Botas da moda com 2 solas corridas, salto raso, a	31\$50?
Botas de calf preto com 2 ponteados, resistente a to- do o tempo a	31\$00?
Sapatos de superior calf preto para senhora, a	11\$00?
Sapatos de verniz desde	16\$00?
Etc., etc., etc.?	

Há, mas só na

Sapataria do Calhariz

Verifiquem que não perdem com isso.

33, Largo do Calhariz, 33

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-preto para senhora

Sapatos em verniz todos os modelos

Botas calf-preto com duas so-
las

Botas calf-preto grandes salto

Grande saldo de botas bran-
cas

Um colossal sortimento em calçado
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-
ra homem a

Vão ver, pois só lá se encontra
Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

**Mercado de joias e
metais preciosos**

76-78

Rua da Palma

76-78

Compra e venda de ouro, prata,
platina e pedras de valor com
vantagens para o comprador
e vendedor

Compras pelo máximo
de valor

Vendas pelo mínimo do
lucro

FRAGA & C.ª

Fixem os n.ºs 7-6

sete, seis

RUA DA PALMA

7-8

sete, oito

Companhia Nacional de Navegação

Para Las Palmas, S. Vicente, Praia
Bissau e Bolama.

Saíra em 10 de Maio o

Vapor MOSSAMEDES

Para carga, passageiros e mais esca-
recimentos, dirigir-se aos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85

NO PORTO: R. da Nova Alfândega, 34

**Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses**

AVISO AO PÚBLICO

SOBRETAXAS

A partir de 1 de Maio de 1922 e em har-
monia com a autorização concedida pelo
Decreto n.º 7.999 publicado no Diário de
Governo de 5 de Janeiro de 1922, é eleva-
da a 200 oio a sobretaxa da 200 oio, actual-
mente em vigor nas linhas desta Companhia,
para todas as cobranças relativas a passa-
geiros.

Fica pelo presente modificado o Aviso ao
Público A n.º 45 de 4 de Janeiro de 1922.
Lisboa, 22 de Abril de 1922. — O Sub-Di-
rector — Companhia, Santos Viegas.

ADITAMENTO

Tarifa especial n.º 1 — Pequena velocidade

A partir de 1 de Maio de 1922 os preços
especiais da Tarifa especial n.º 1 de peque-
na velocidade, que, segundo a Classificação
Geral, são applicáveis à estação de Vendas
Novas para o transporte de várias mercade-
rias, passam a ser applicáveis indistintamen-
te aos transportes destinados propriamente
à estação de Vendas Novas (local) e aos
que, procedendo das linhas dos Caminhos
de Ferro do Sul e Sueste ou a elles des-
tinados, tenham de ser transmitidos nessa
estação.

Ficam em tudo o mais em vigor as condi-
ções da Tarifa especial n.º 1 de pequena
velocidade, em applicação desde 28 de Março
de 1920.

Lisboa, 5 de Abril de 1922.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

SAPATARIA DE S. ROQUE de QUEIROZ I.ª

Inauguração da Estação de Verão

Calçado em todos os géneros, por preços excessivamente baratos ■ Não comprem sem ver, os preços desta casa

15 - LARGO TRINDADE COELHO - 16 ** (Antigo Largo de S. Roque) ** Carro à porta